

Lehmann

Projects

Sofia Yala Constellation of Dust

21.02.2026

04.04.2026

PT

ES

EN

Lehmann

Projects

Sofia Yala Constellation of Dust

21.02.2026

04.04.2026

[PT]

Na sequência da sua participação na exposição coletiva *How to Reverse a Spell*, com curadoria de Paula Nascimento, apresentada na galeria Lehmann entre fevereiro e março de 2025, Sofia Yala (1994, Lisboa, Portugal) é convidada a desenvolver uma exposição individual para a sala de projetos da galeria.

Artista visual angolana-portuguesa, Sofia Yala é licenciada em Estudos Africanos e concluiu, em 2021, o mestrado em Cinema e Fotografia na Universidade de Derby, no Reino Unido.

A sua prática artística desenvolve-se a partir da exploração de materiais de arquivo, em diálogo com encontros inesperados da experiência vivida. O seu trabalho constrói narrativas que entrelaçam diferentes tempos, texturas e camadas, refletindo sobre os processos de (des) construção da identidade enquanto corpo transatlântico, inscrito num mundo vasto e intrincado.

[PT]

Sofia Yala: Constellation of Dust

Supostamente mecânica e realizada sem intervenção da mão humana, a fotografia foi, até finais do séc. XIX, considerada uma forma indiciária, de testemunho, e não uma arte de interpretação. O seu reconhecimento enquanto prova continua ainda hoje a fundamentar muitas ficções e, paradoxalmente, a ser utilizada como instrumento crítico, capaz de iludir aparentes evidências. A fotografia permite aprender para lá do visível, para lá do que, em determinada circunstância, vemos, reconhecemos e sabemos. E é uma das mais poderosas ferramentas de comunicação social de que dispomos, apesar da vulgarização com que, globalmente, a manipulamos e consumimos. A sua transversalidade e pluralidade de usos transformou tanto o conhecimento humano e o comportamento social, como a prática e a conceptualização da criação artística.

É dentro destas ambiguidades das imagens de luz que a artista visual angolana/portuguesa Sofia Yala (Lisboa, 1994) tem repensado a fotografia acumulada em acervos privados e coletivos a partir do seu percurso familiar, de circunstâncias pessoais e de encontros subjetivamente vivenciados. Verificando que a documentação visual e a cultura material familiar não respondem aos critérios de identificação inscritos na lógica do designado mundo ocidental, a artista testa, técnica e conceptualmente, outras formas de relação e continuidade. E se a fotografia começou por revelar ausências nas respostas às perguntas que perseguiu, ao evidenciar a tentativa de fazer caber um determinado uso nas imagens, abriu um campo mais amplo de circulação de sentidos. Foi assim que estes desencontros com o passado se transformaram em encontros contínuos e interseccionais.

Em *Constellation of Dust*, Sofia Yala convida-nos a ultrapassar a polaridade fotográfica entre documento e obra de arte, entre dualidades que informam diferentes sistemas políticos e culturais, e têm condicionado profundamente o impacto social das imagens, afetando tanto a experiência sensorial como o processo cognitivo. Esta série agora apresentada na galeria Lehmann, surgiu no contexto de uma residência artística que lhe permitiu o acesso ao arquivo histórico do foto-estúdio W.W. Winters, fundado em 1852 e considerado o mais antigo, ainda em funcionamento, no Reino Unido (Derby). Durante décadas, imagens consideradas imperfeitas foram armazenadas na cave do edifício, sujeitas a inundações, mudanças de temperatura e à acumulação de sujidades de variadas naturezas. As deformações químicas e as imperfeições gravadas pela contaminação de lama e afins acabaram por criar formas originais e únicas nos negativos de vidro, que se sobrepueram aos retratos, individuais ou familiares, fotograficamente reproduzidos. Por mais inesperadas que estas imagens, distantes dos seus originais idealizados, hoje nos surjam, o propósito não é reconhecer-lhes um estatuto de uso ou de beleza, mas aprender com um processo que se revela simetricamente transformador.

Em 2023, Sofia começou por selecionar alguns desses retratos evanescentes, em que os padrões orgânicos evidenciam a científica fragilidade das imagens, e conferiu-lhes novos usos. A artista interessou-se pela possibilidade de uma outra existência, menos normativa, para estas imagens; uma transmutação capaz de refletir uma convivialidade indefinida e não intencional de materiais e imagens afetadas por determinadas condições de espaço e tempo, que não podem, hoje, ser física e conceptualmente, ignoradas. Assumiu esta transformação do regime da fotografia, enquanto suporte imagético de determinada política de valor de representação social, como movimento de maré: não uma ruptura, mas uma reorientação das correntes que sustentam o olhar. As imagens deixam de fixar identidades e passam a circular entre estados, contextos e significados, ativando cosmologias de mudança onde matéria, memória e imaginação coexistem sem hierarquia. O que este exercício permite, como Arjun Appadurai descreve em *A Vida Social das Coisas* (1986), é movimento das coisas através do espaço e do tempo, justapor diferentes modos de desejo e demanda em situações sociais específicas, reconhecendo a imaginação enquanto força social capaz de se materializar. Assim,

Sofia Yala segue o fluxo dessas deslocações, deixando-se guiar pela complexidade dos contextos humanos e sociais, afirmando a circulação como prática e recusando sistemas fechados de exclusão.

Enquanto artista afro-portuguesa, Sofia Yala tem activado o percurso dos seus antepassados como campo de continuidade. Nos acervos de familiares diretos, como o da mala do seu avô paterno, encontrou anotações privadas sobre o local do nascimento dos seus filhos e descendentes, datas de nascimento, nomes completos, documentos oficiais e correspondência internacional. Descendente de angolanos atravessados por processos de mobilidade forçada, Sofia não procura apenas conhecer este legado familiar, parcialmente preservado, mas inscreve-se nele, expandindo-o. Em *The Body as an Archive* (2020/21), recorreu diretamente à fotografia para inscrever o seu corpo nesses materiais e, através da colagem, criar mapas de realidades transgeracionais; retratou-se entre as anotações do avô, em frente a muros e a barreiras que evocam limites históricos e simbólicos. Também em *Type here to search* (2020), assinalou o vínculo digital da sua geração aos motores de busca, colocando-o em tensão com a história oral e com formas não indexadas de transmissão de memória.

Apercebendo-se da inexistência de registos convencionais no arquivo da sua família, em (*There is NO SIGNAL*), a artista fotografa-se deslocando-se no tempo e no espaço. Mais recentemente, no primeiro ano em que residiu no Reino Unido, *Parallel Realities* (2018/2020) resultou da justaposição de imagens da sua vida pessoal em contextos, tempos e realidades distintas. Através de diferentes aproximações à fotografia, Sofia procurou uma possível reconstrução da sua história familiar, para perceber que a representação visual é sempre uma construção política, social e cultural.

Não só a noção de “história universal” está hoje ultrapassada pela polifonia do pensamento teórico e político, estruturado por narrativas minoritárias e alternativas, como a possibilidade de anacronicamente visitar conceitos que foram “naturalizados” é fundamentalmente aceite enquanto necessidade de colisão do presente com objetos e narrativas do passado. Para além disso, Sofia Yala também se projeta na possibilidade de efabular, que algumas referências pensadoras como Saidiya Hartman, defendem como única forma de ultrapassar concepções dominantes que continuam a determinar o futuro de comunidades da diáspora africana, especulando simultaneamente com e contra os

arquivos da racialização. A partir destes fundamentos epistémicos, e procurando metodologias que permitam reinventar a comunidade afrodescendente onde quer que se encontre, sem qualquer nostalgia de uma origem perdida, Sofia Yala convoca a inscrição do sujeito histórico no arquivo não como garantia de fixidez, mas como campo de ativação crítica, afirmando o papel da fotografia na expansão de futuros em permanente construção.

Com o passar do tempo, também estes retratos imperfeitos, rejeitados na cave do foto-estúdio W.W. Winters, acumularam diferentes valências e revelam contra-narrativas, que embora não intencionais, se sobrepõem aos seus usos originais.

Num segundo momento de aproximação ao arquivo de Derby, Sofia Yala acrescenta uma nova série de autorretratos, datados de 2024, que justapõe às imagens fotográficas. Nas fotografias agora apresentadas na galeria Lehmann, autorretrata-se vestida com uma bata e luvas brancas, veste típica de laboratório, símbolo distintivo dos modos e processos dominantes de aproximação aos arquivos e às suas narrativas de legitimação de conhecimento. Representando-se desta forma com as fotografias, física e quimicamente alteradas, a artista não se apresenta como alguém exterior que cataloga o arquivo, mas antes como alguém que comunga da sua performatividade.

Como um todo, as fotografias funcionam como um manifesto sobre a forma como os arquivos podem ser revitalizados com o objetivo de refletir futuros usos e novas formas de investigação, nunca perdendo as dialogantes dinâmicas das práticas colaborativas.

Paula Parente Pinto

FEVEREIRO DE 2026

A autora escreve sem aplicação
do novo Acordo Ortográfico.

01.

SOFIA YALA

Constellation of Dust I, 2026

Fotografia analógica de formato médio
(120 mm) em impressão giclée sobre papel
Canson Baryta Photographique II Matt,
Ed. 1/3 + 2 PA, emoldurada
60 × 48,5 cm

02.

SOFIA YALA

Constellation of Dust II, 2024

Fotografia analógica de formato médio
(120 mm) em impressão giclée sobre papel
Canson Baryta Photographique II Matt,
Ed. 1/3 + 2 PA, emoldurada
60 × 48,5 cm

03.

SOFIA YALA

Constellation of Dust III, 2024

Fotografia analógica de formato médio
(120 mm) em impressão giclée sobre papel
Canson Baryta Photographique II Matt,
Ed. 1/3 + 2 PA, emoldurada
60 × 48,5 cm

04.

SOFIA YALA

Constellation of Dust IV, 2024

Fotografia analógica de formato médio
(120 mm) em impressão giclée sobre papel
Canson Baryta Photographique II Matt,
Ed. 1/3 + 2 PA, emoldurada
60 × 48,5 cm

05.

SOFIA YALA

The archivist room, 2023

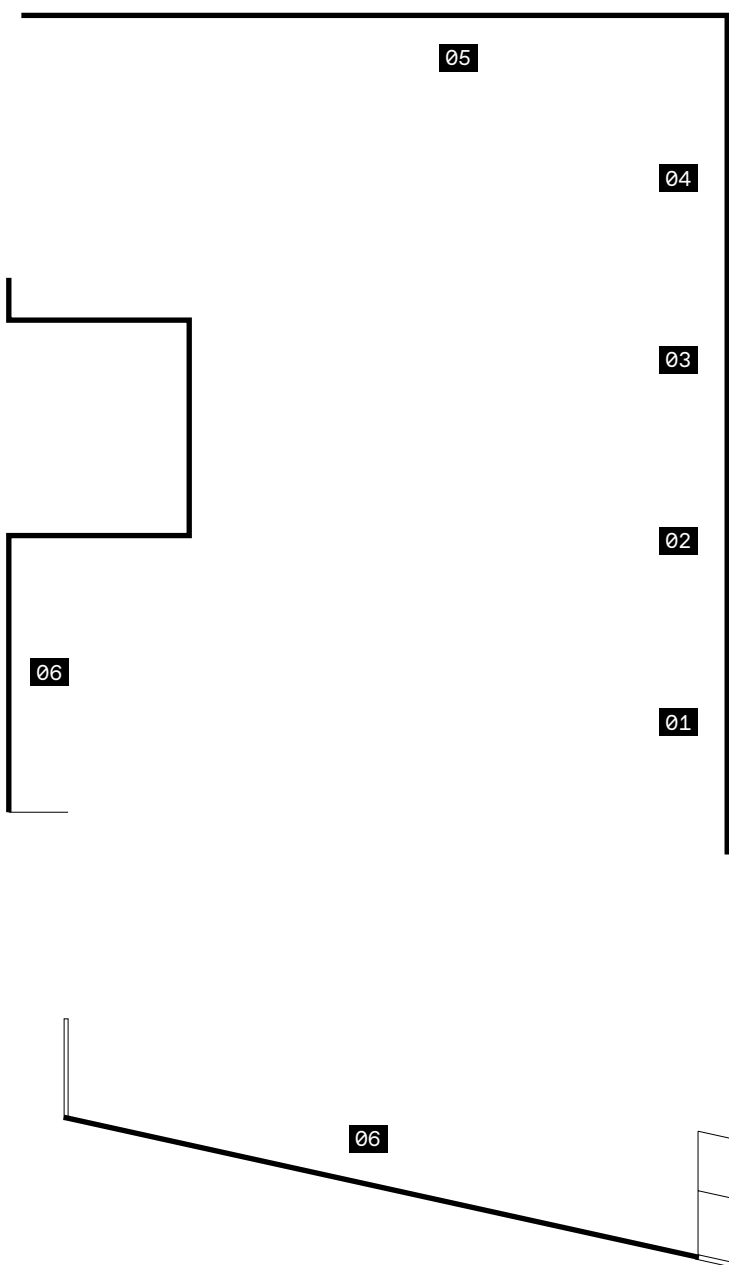
Fotografia digital em impressão giclée sobre
papel Canson Baryta Photographique II Matt,
Ed. 1/3 + 2 PA, emoldurada
50 × 75 cm

06.

SOFIA YALA

Ephemeral constellations, 2023-2026

Instalação: 7 serigrafias sobre papel e 1
serigrafa sobre placa de placa de acrílico
transparente em edição única, bata branca,
luvas brancas, cabide de parede, cadeira e
candeeiro, parede de cor verde.
Dimensões variáveis



Lehmann

Projects

Sofia Yala Constellation of Dust

21.02.2026

04.04.2026

[ES]

Tras su participación en la exposición colectiva *How to Reverse a Spell*, comisariada por Paula Nascimento y presentada en la galería Lehmann entre febrero y marzo de 2025, Sofia Yala (1994, Lisboa, Portugal) es invitada a desarrollar una exposición individual para la sala de proyectos de la galería.

Artista visual angoleña-portuguesa, Sofia Yala es licenciada en Estudios Africanos y completó un máster en Cine y Fotografía en la Universidad de Derby, Reino Unido, en 2021.

La práctica artística de Yala se adentra en la exploración de materiales de archivo en diálogo con encuentros inesperados de la experiencia vivida. Su obra se articula como una forma de narración que entrelaza múltiples temporalidades, texturas y capas, reflexionando sobre los procesos de (de)construcción de la identidad como cuerpo transatlántico en un mundo vasto y complejo.

[ES]

Sofia Yala: Constellation of Dust

Supuestamente mecánica y realizada sin intervención de la mano humana, la fotografía fue, hasta finales del s. XIX, considerada una forma indiciaria, testimonial, y no un arte de interpretación. Su reconocimiento como prueba sigue aún hoy sustentando muchas ficciones y, paradójicamente, se utiliza como instrumento crítico, capaz de desbaratar evidencias aparentes. La fotografía permite aprender más allá de lo visible, más allá de lo que, en una determinada circunstancia, vemos, reconocemos y sabemos. Y es una de las herramientas de comunicación social más poderosas de las que disponemos, pese a la banalización con la que, globalmente, la manipulamos y consumimos. Su transversalidad y pluralidad de usos transformó tanto el conocimiento humano y el comportamiento social como la práctica y la conceptualización de la creación artística.

Es dentro de estas ambigüedades de las imágenes de luz donde la artista visual angoleña-portuguesa Sofia Yala (Lisboa, 1994) ha repensado la fotografía acumulada en acervos privados y colectivos a partir de su trayectoria familiar, circunstancias personales y encuentros vividos subjetivamente. Al constatar que la documentación visual y la cultura material familiar no responden a los criterios de identificación inscritos en la lógica del llamado mundo occidental, la artista pone a prueba, técnica y conceptualmente, otras formas de relación y continuidad. Y si la fotografía comenzó por revelar ausencias en las respuestas a las preguntas que persiguió, al evidenciar el intento de hacer encajar un uso determinado en las imágenes, abrió un campo más amplio de circulación de sentidos. Así, esos desencuentros con el pasado se transformaron en encuentros continuos e interseccionales.

En *Constellation of Dust*, Sofia Yala nos invita a superar la polaridad fotográfica entre documento y obra de arte, entre dualidades que informan distintos sistemas políticos y culturales, y han condicionado profundamente el impacto social de las imágenes, afectando tanto a la experiencia sensorial como al proceso cognitivo. Esta serie, presentada ahora en la galería Lehmann, surgió en el contexto de una residencia artística que le permitió acceder al archivo histórico del estudio fotográfico W.W. Winters, fundado en 1852 y considerado el más antiguo del Reino Unido aún en funcionamiento (Derby). Durante décadas, imágenes consideradas imperfectas fueron almacenadas en el sótano del edificio, sometidas a inundaciones, cambios de temperatura y a la acumulación de suciedad de distintos orígenes. Las deformaciones químicas y las imperfecciones grabadas por la contaminación de barro y otros sedimentos acabaron creando formas originales y únicas en los negativos de vidrio, que se superpusieron a los retratos, individuales o familiares, reproducidos fotográficamente. Por más inesperadas que estas imágenes, alejadas de sus originales idealizados, se nos presenten hoy, el propósito no es reconocerles un estatuto de utilidad o de belleza, sino aprender de un proceso que se revela simétricamente transformador.

En 2023, Sofia comenzó seleccionando algunos de esos retratos evanescentes, en los que los patrones orgánicos evidencian la fragilidad científica de las imágenes, y les confirió nuevos usos. A la artista le interesó la posibilidad de otra existencia, menos normativa, para estas imágenes; una transmutación capaz de reflejar una convivencia indefinida y no intencional de materiales e imágenes afectadas por determinadas condiciones de espacio y tiempo, que hoy no pueden ignorarse, física y conceptualmente. Asumió esta transformación del régimen de la fotografía, en tanto soporte visual de una determinada política de valor de representación social, como un movimiento de marea: no una ruptura, sino una reorientación de las corrientes que sostienen la mirada. Las imágenes dejan de fijar identidades y pasan a circular entre estados, contextos y significados, activando cosmologías del cambio donde materia, memoria e imaginación coexisten sin jerarquía. Lo que este ejercicio permite, como describe Arjun Appadurai en *La vida social de las cosas* (1986), es el movimiento de las cosas a través del espacio y del tiempo, yuxtaponer diferentes modos de deseo y demanda en situaciones sociales específicas, reconociendo la imaginación como fuerza social capaz de materializarse. Así,

Sofia Yala sigue el flujo de esos desplazamientos, dejándose guiar por la complejidad de los contextos humanos y sociales, afirmando la circulación como práctica y rechazando sistemas cerrados de exclusión.

Como artista afroportuguesa, Sofia Yala ha activado el recorrido de sus antepasados como campo de continuidad. En los acervos de familiares directos, como el de la maleta de su abuelo paterno, encontró anotaciones privadas sobre el lugar de nacimiento de sus hijos y descendientes, fechas de nacimiento, nombres completos, documentos oficiales y correspondencia internacional. Descendiente de angoleños atravesados por procesos de movilidad forzada, Sofia no busca solo conocer este legado familiar, parcialmente preservado, sino inscribirse en él, expandiéndolo. En *The Body as an Archive* (2020/21), recurrió directamente a la fotografía para inscribir su cuerpo en esos materiales y, mediante el collage, crear mapas de realidades transgeneracionales; se retrató entre las anotaciones del abuelo, frente a muros y a barreras que evocan límites históricos y simbólicos. También en *Type here to search* (2020), señaló el vínculo digital de su generación con los buscadores, poniéndolo en tensión con la historia oral y con formas no indexadas de transmisión de memoria.

Al darse cuenta de la inexistencia de registros convencionales en el archivo de su familia, en (*There is NO SIGNAL*) la artista se fotografía desplazándose en el tiempo y en el espacio. Más recientemente, en el primer año en que residió en el Reino Unido, *Parallel Realities* (2018/2020) resultó de la yuxtaposición de imágenes de su vida personal en contextos, tiempos y realidades distintas. A través de diferentes aproximaciones a la fotografía, Sofia buscó una posible reconstrucción de su historia familiar, para comprender que la representación visual es siempre una construcción política, social y cultural.

No solo la noción de “historia universal” está hoy superada por la polifonía del pensamiento teórico y político, estructurado por narrativas minoritarias y alternativas, sino que la posibilidad de visitar anacrónicamente conceptos que fueron “naturalizados” se acepta, fundamentalmente, como una necesidad de colisión del presente con objetos y narrativas del pasado. Además, Sofia Yala también se proyecta en la posibilidad de fabular, que algunas autoras de referencia como Saidiya Hartman defienden como la única forma de superar concepciones dominantes que siguen determinando el futuro de comunidades de la diáspora africana, especulando

simultáneamente con y contra los archivos de la racialización. A partir de estos fundamentos epistémicos, y buscando metodologías que permitan reinventar la comunidad afrodescendiente allí donde se encuentre, sin nostalgia alguna de un origen perdido, Sofia Yala convoca la inscripción del sujeto histórico en el archivo no como garantía de fijeza, sino como campo de activación crítica, afirmando el papel de la fotografía en la expansión de futuros en permanente construcción.

Con el paso del tiempo, también estos retratos imperfectos, rechazados en el sótano del estudio fotográfico W.W. Winters, acumularon diferentes valencias y revelan contranarrativas que, aunque no intencionales, se superponen a sus usos originales.

En un segundo momento de aproximación al archivo de Derby, Sofia Yala añade una nueva serie de autorretratos, fechados en 2024, que yuxtapone a las imágenes fotográficas. En las fotografías ahora presentadas en la galería Lehmann, se autorretrata vestida con una bata y guantes blancos, indumentaria típica de laboratorio, símbolo distintivo de los modos y procesos dominantes de aproximación a los archivos y a sus narrativas de legitimación del conocimiento. Al representarse de este modo con las fotografías, física y químicamente alteradas, la artista no se presenta como alguien exterior que cataloga el archivo, sino como alguien que participa en su performatividad.

En conjunto, las fotografías funcionan como un manifiesto sobre cómo los archivos pueden revitalizarse con el objetivo de reflejar usos futuros y nuevas formas de investigación, sin perder nunca las dinámicas dialogantes de las prácticas colaborativas.

Paula Parente Pinto

FEBRERO DE 2026

01.

SOFIA YALA

Constellation of Dust I, 2026

Fotografía analógica de formato medio
(120 mm), impresión giclée sobre papel
Canson Baryta Photographique II Matt,
Ed. 1/3 + 2 PA, enmarcada
60 × 48,5 cm

02.

SOFIA YALA

Constellation of Dust II, 2024

Fotografía analógica de formato medio
(120 mm), impresión giclée sobre papel
Canson Baryta Photographique II Matt,
Ed. 1/3 + 2 PA, enmarcada

03.

SOFIA YALA

Constellation of Dust III, 2024

Fotografía analógica de formato medio
(120 mm), impresión giclée sobre papel
Canson Baryta Photographique II Matt,
Ed. 1/3 + 2 PA, enmarcada
60 × 48,5 cm

04.

SOFIA YALA

Constellation of Dust IV, 2024

Fotografía analógica de formato medio
(120 mm), impresión giclée sobre papel
Canson Baryta Photographique II Matt,
Ed. 1/3 + 2 PA, enmarcada
60 × 48,5 cm

05.

SOFIA YALA

The archivist room, 2023

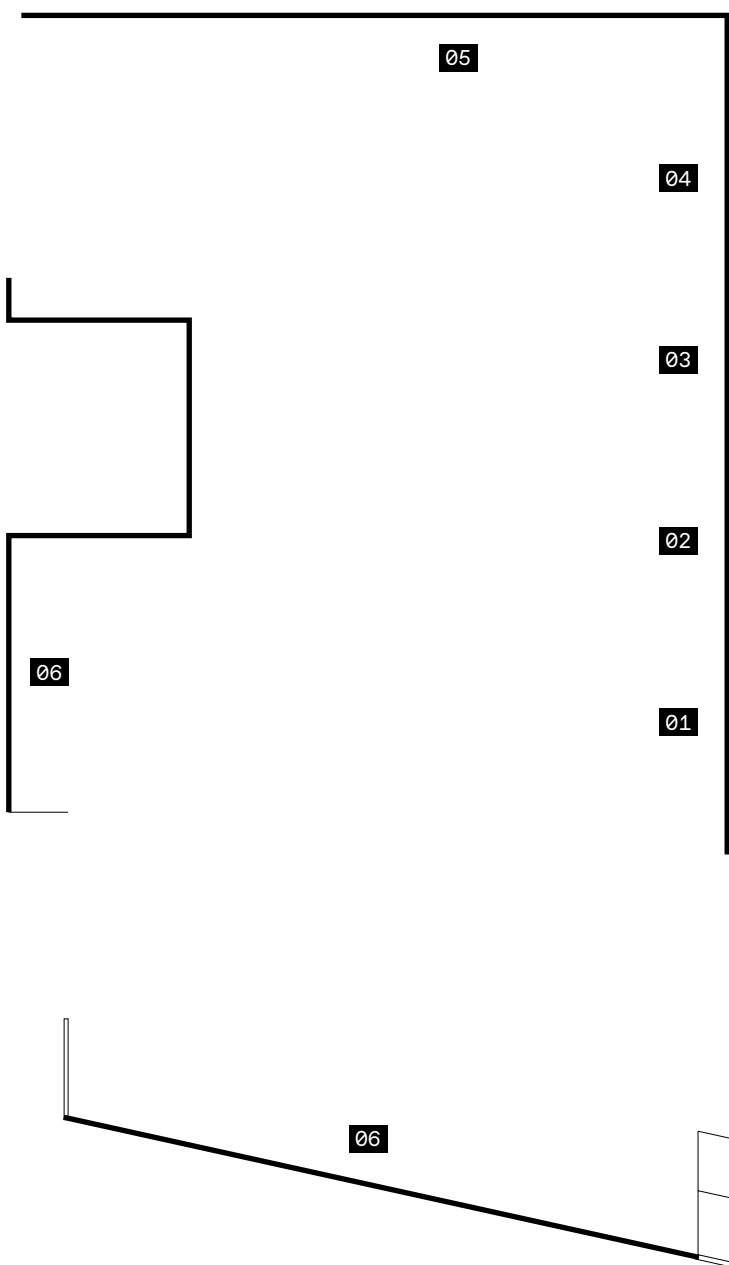
Fotografía digital en impresión giclée sobre
papel Canson Baryta Photographique II Matt,
Ed. 1/3 + 2 PA, enmarcada
50 × 75 cm

06.

SOFIA YALA

Ephemeral constellations, 2023-2026

Instalación: 7 serigrafías sobre papel y
Instalación: 7 serigrafías sobre papel y
1 serigrafía sobre plancha de metacrilato
transparente en edición única, bata blanca,
guantes blancos, perchero de pared, silla y
lámpara, pared de color verde
Dimensões variáveis



Lehmann

Projects

Sofia Yala Constellation of Dust

21.02.2026

04.04.2026

[EN]

Following her participation in the group exhibition *How to Reverse a Spell*, curated by Paula Nascimento and presented at Lehmann gallery between February and March 2025, Sofia Yala (1994, Lisbon, Portugal) has been invited to develop a solo exhibition for the gallery's project space.

An Angolan-Portuguese visual artist, Sofia Yala holds a BA in African Studies and completed an MA in Film and Photography at the University of Derby (UK), in 2021.

Yala's artistic practice engages with archival materials in dialogue with unexpected encounters drawn from lived experience. Her work unfolds through forms of storytelling that interweave multiple temporalities, textures, and layers, reflecting on the processes of (de)constructing identity as a transatlantic body within a vast and intricate world.

[EN]

Sofia Yala: Constellation of Dust

Supposedly mechanical and produced without the intervention of the human hand, photography was, until the end of the 19th century, considered an indexical form evidence, testimony rather than an art of interpretation. Its recognition as proof still underpins many fictions today; paradoxically, it is also used as a critical instrument capable of misleading apparent evidence. Photography allows us to learn beyond the visible, beyond what, in a given circumstance, we see, recognise, and know. It is one of the most powerful tools of social communication we possess, despite the banality with which, globally, we manipulate and consume it. Its transversality and plurality of uses have transformed human knowledge and social behaviour, as well as the practice and conceptualisation of artistic creation.

It is within these ambiguities of images made of light that the Angolan/Portuguese visual artist Sofia Yala (Lisbon, 1994) has been rethinking the photographs accumulated in private and collective collections, drawing on her family trajectory, personal circumstances, and subjectively lived encounters. Noting that her family's visual documentation and material culture do not meet the criteria of identification embedded in the logic of the so-called Western world, the artist tests technically and conceptually other forms of relation and continuity and if photography initially revealed absences in the answers to the questions she pursued by making evident the attempt to force a certain use onto images it opened a broader field for the circulation of meaning. In this way, these mismatches with the past became continuous and intersectional encounters.

In *Constellation of Dust*, Sofia Yala invites us to move beyond the photographic polarity between document and artwork between dualities that inform different political and cultural systems and have profoundly conditioned the social impact of images, affecting both sensory experience and cognitive process. This series, now presented at Lehmann gallery, emerged in the context of an artist residency that granted her access to the historical archive of the photo studio W.W. Winters, founded in 1852 and considered the oldest still operating in the United Kingdom (Derby). For decades, images deemed imperfect were stored in the building's basement, subject to flooding, temperature shifts, and the accumulation of grime. Chemical deformations and imperfections inscribed by contamination from mud and other debris ended up creating original, unique forms in the glass negatives, overlaying the individual or family portraits photographically reproduced there. However unexpected these images now distant from their original idealised versions, may appear to us today, the purpose is not to grant them a status of use or beauty, but to learn from a process that proves symmetrically transformative.

In 2023, Sofia began by selecting some of these evanescent portraits, in which organic patterns expose the scientific fragility of images, and she gave them new uses. The artist became interested in the possibility of another, less normative existence for these images: a transmutation capable of reflecting an undefined and unintentional conviviality of materials and images affected by certain conditions of space and time, which cannot be ignored, physically or conceptually. She took this transformation of photography's regime, understood as an image support for a given politics of value and of social representation, as a tidal movement: not a rupture, but a reorientation of the currents that sustain the gaze. Images cease to fix identities and begin to circulate between states, contexts, and meanings, activating cosmologies of change in which matter, memory, and imagination coexist without hierarchy. This exercise enables, as Arjun Appadurai describes in *The Social Life of Things* (1986), is the movement of things through space and time, and the juxtaposition of different modes of desire and demand in specific social situations, recognising imagination as a social force capable of materialising. Thus, Sofia Yala follows the flow of these displacements, allowing herself to be guided by the complexity of human and social contexts, affirming circulation as practice and refusing closed systems of exclusion.

As an Afro-Portuguese artist, Sofia Yala has activated the trajectory of her ancestors as a field of continuity. In the collections of direct family members, such as the suitcase archive of her paternal grandfather, she found private notes on the places of birth of his children and descendants, dates of birth, full names, official documents, and international correspondence. Descended from Angolans marked by processes of forced mobility, Sofia does not seek only to know this family legacy, partially preserved; she inscribes herself within it, expanding it. In *The Body as an Archive* (2020/21), she turned directly to photography to inscribe her body into those materials and, through collage, to create maps of transgenerational realities; she portrayed herself among her grandfather's notes, in front of walls and barriers that evoke historical and symbolic boundaries. In *Type here to search* (2020), she marked her generation's digital bond to search engines, placing it in tension with oral history and with non-indexed forms of transmitting memory.

Realising the absence of conventional records in her family archive, in (*There is NO SIGNAL*) the artist photographs herself as she moves through time and space. More recently, in her first year living in the United Kingdom, *Parallel Realities* (2018/2020) resulted from the juxtaposition of images from her personal life in distinct contexts, times, and realities. Through different approaches to photography, Sofia sought a possible reconstruction of her family history, only to understand that visual representation is always a political, social, and cultural construction.

Not only has the notion of "universal history" been surpassed today by the polyphony of theoretical and political thought, structured by minority and alternative narratives, but the possibility of anachronistically revisiting concepts that were "naturalised" is fundamentally accepted as a necessity a collision of the present with objects and narratives from the past. Beyond this, Sofia Yala also projects herself into the possibility of fabulation, which some thinkers, such as Saidiya Hartman, defend as the only way to overcome dominant conceptions that continue to determine the future of African diaspora communities, speculating simultaneously with and against the archives of racialization. From these epistemic foundations and seeking methodologies that make it possible to reinvent the Afro-descendant community wherever it may be, without any nostalgia for a lost origin, Sofia Yala calls forth the

inscription of the historical subject in the archive not as a guarantee of fixity, but as a field of critical activation, affirming photography's role in the expansion of futures in permanent construction.

Over time, these imperfect portraits, rejected to the basement of the W.W. Winters photo studio, also accumulated different valences and reveal counter-narratives that, though unintentional, overlay their original uses.

In a second moment of approaching the Derby archive, Sofia Yala adds a new series of self-portraits, dated 2024, which she juxtaposes with the photographic images. In the photographs now presented at Lehmann gallery, she depicts herself dressed in a white lab coat and white gloves, standard laboratory attire, a distinctive symbol of dominant modes and processes of approaching archives and the narratives that legitimise knowledge by representing herself in this way alongside photographs that have been physically and chemically altered, the artist does not present herself as an external figure cataloguing the archive, but rather as someone who shares in its performativity.

Taken as a whole, the photographs function as a manifesto on how archives can be revitalised in order to reflect future uses and new forms of research, never losing the dialogic dynamics of collaborative practices.

Paula Parente Pinto

FEBRUARY 2026

01.

SOFIA YALA

Constellation of Dust I, 2026

Medium format analogue photography (120mm),
giclée print on Canson Baryta Photographique
II Matt paper, Ed. 1/3 + 2 AP, framed
60 × 48,5 cm

02.

SOFIA YALA

Constellation of Dust II, 2024

Medium format analogue photography (120mm),
giclée print on Canson Baryta Photographique
II Matt paper, Ed. 1/3 + 2 AP, framed
60 × 48,5 cm

03.

SOFIA YALA

Constellation of Dust III, 2024

Medium format analogue photography (120mm),
giclée print on Canson Baryta Photographique
II Matt paper, Ed. 1/3 + 2 AP, framed
60 × 48,5 cm

04.

SOFIA YALA

Constellation of Dust IV, 2024

Medium format analogue photography (120mm),
giclée print on Canson Baryta Photographique
II Matt paper, Ed. 1/3 + 2 AP, framed
60 × 48,5 cm

05.

SOFIA YALA

The archivist room, 2023

Digital photograph in giclée print on
Canson Baryta Photographique II Matt paper,
Ed. 1/3 + 2 PA, framed
50 × 75 cm

06.

SOFIA YALA

Ephemeral constellations, 2023-2026

Installation: 7 silkscreen prints on paper
and 1 silkscreen print on transparent
plexiglass plate in a single edition, white
lab coat, white gloves, wall hanger, chair
and lamp, green wall.
Dimensões variáveis

FLOOR

- 1

